

EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

### **Um guerreiro alagoano: encantos de Eliezer Teixeira, o cantador**

Foi numa situação inusitada que o conheci. No dia em que se comemora a Independência do Brasil, em 2006, a viagem para uma cidadezinha do interior mineiro chamada Jequitibá, a “Capital Mineira do Folclore”, próxima a Sete Lagoas, me saía como uma divertida história de encontros e desencontros. No final, mais encontros que desencontros, para minha sorte.

O atraso do ônibus que ia de Belo Horizonte a Sete Lagoas, a necessidade de passar mais de quatro horas naquela cidade, por não ter ônibus para Jequitibá em horário mais próximo, as andanças ao redor da lagoa, no centro da cidade, para ver se o tempo passava mais rápido com as passadas largas, a chegada naquela cidade pequenina com nome de árvore, o hotel do Flávio. É neste ponto o clímax da história. Sim, aquele hotel verde era o do Flávio. Ótimo, um banho e depois um passeio pela cidade, principalmente depois de tanta andança por Sete Lagoas. Tocamos a campainha. Ninguém. Puxamos o portão. Aberto. Chamamos. Entramos até a porta. Batemos palma, como se costuma fazer para chamar dono de casa alheia. Ninguém. “Vamos ver se tem alguém na parte de cima do prédio.” Nada. Janelas abertas mostravam as malas de algum hóspede que, provavelmente, também fora atraído pela Festa do Folclore de Jequitibá. Chamamos. Ninguém. Deixamos nossas malas num cantinho e ficamos ali um tempo, refletindo sobre o que fazer. Tínhamos feito reserva. “Vamos ver se alguém sabe o paradeiro do dono.” O jeito é sentar na porta do hotel. “E a quem perguntar? Não passa ninguém na rua...” “Ah, sim, alguém com jeito de atrasado. É ele.” Passou direto. Perguntamos a uma mocinha. “Olhe na casa da sogra dele, que é do lado”. Portão aberto novamente, ninguém em casa. Esperamos. Mais uma hora e nada. “Vamos dar um passeio, então?” Deixamos as malas no hotel, não devia ter problema, já que tudo parecia ficar normalmente aberto. No final da rua, uma lagoa. Mais uma lagoa naquele dia. Menor, sim, mas não menos bela. Cidade calma, linda, casas antigas, igreja pintada de branco e azul. Compramos uma água na mercearia com cara de bar. E fizemos mais perguntas sobre o dono do hotel. “Ele deve ter ido para a fazenda!”, alguém disse. “Mas somos hóspedes!” E ele tinha ido mesmo. Aniversário da filha e do pai. Ia voltar tarde. “E agora? O jeito é esperar no hotel mesmo”. E ali ficamos. Conversa vai, conversa vem. A situação estava digna de sonho daqueles mais surreais. Ríamos. Neste momento, abriram o portão. Um sujeito magro, alto, de óculos entrou. “Você é o Flávio?” – perguntei. “Eu? Não. Estou hospedado aí também. Eu estava na festa com o Flávio, e ele vai demorar, nem cantou o ‘parabéns’ ainda. Mas vamos entrando, vamos ficar no meu quarto, podem ficar à vontade. Sou Eliezer Teixeira.”

E foi assim que aconteceu o primeiro dos encontros em Jequitibá, logo com essa criatura encantadora, aliás, cantadora. Cantador. “Eliezer Teixeira, cantador!” É assim que ele se apresenta. E foi assim que o percebi,



EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

não apenas como uma pessoa que canta, mas que busca encantos de um Brasil às vezes esquecido nesses rincões, nesses cantos de mundo. No quarto, conversamos muito, soubemos de muitas histórias da pequena Jequitibá, onde ele havia passado dez anos e vinha, desde então, pesquisando e auxiliando na preservação da cultura popular espontânea daquele lugar. Ali ficamos até a cunhada do dono do hotel chegar e nos arrumar um quarto. Poderia ter demorado um pouco mais... E o Flávio e sua esposa, casal simpático dono do hotel, fomos conhecer só no dia seguinte.

### **Descobertas e inquietações**

Alagoano de Palmeira dos Índios, Eliezer Teixeira chegou aos dez anos em São Paulo, na década de 60, período de forte emigração nordestina para a "capital do sul", como eles costumavam chamar a capital paulista. A possibilidade de conseguir novos rumos e mais oportunidade na vida batia de frente com a diferença cultural entre aquelas duas regiões. Difícil era esquecer o cuscuz com leite, o queijo, a coalhada, o inhame, a batata-doce, o mingau de fubá, a embuzada, a castanha-de-caju, o canto dos carros-de-boi, o toque do buzo, as vaquejadas, os aboios, os guerreiros alagoanos, as festas de apartação, as histórias do "Seu" Ermínio contadas na bodega do Zé Toinho. Ele havia deixado o Nordeste, mas o Nordeste não deixaria nunca o pequeno Teixeira. Nem quando ele deixasse de ser pequeno.

Na "capital do sul", Teixeira passou a juventude. Começou a se envolver cada vez mais com o que a televisão o mostrava, os programas na TV Excelsior, principalmente o Show de Luiz Vieira, cujo apresentador nordestino o levava de volta à sua terra em seu imaginário. Ouvia as músicas da Jovem Guarda e dos festivais que movimentavam a juventude daqueles anos 60. As músicas dos festivais valorizavam a música nordestina, quer pela presença de cantores e compositores como Gonzaguinha, Alceu Valença e Geraldo Azevedo. Isso trouxe um novo olhar sobre a cultura nordestina. "Até então, ser nordestino aqui em São Paulo era horrível. Havia muito preconceito. Nordestino, para paulista, era tudo baiano, num sentido pejorativo mesmo. E, de repente, com os festivais, deu orgulho de ser nordestino. Você via os nordestinos se sobressaindo e indo muito bem nos festivais. Quando não eram nordestinos, os temas eram muito abrangentes sobre o Nordeste. E a partir daí fui começando a ter bastante orgulho de ser nordestino e recriando toda essa coisa da cultura nordestina em mim", conta Teixeira.

Foi quando teve oportunidade de assistir uma reportagem com Inezita Barroso, falando de Brasil e do seu disco "Vamos falar de Brasil novamente". Na entrevista, quando perguntada sobre Roberto Carlos, ídolo de Eliezer Teixeira na época, Inezita respondeu: "Vamos falar de Brasil...". "Foi aí que me despertou isso, falei: 'Meu Deus o que eu estou fazendo,

EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

observando estas coisas e esquecendo o que o Brasil é.' E a partir daí eu me recriei como nordestino, trouxe todo o meu imaginário sertanejo para minha vida.", relembra.

Desse dia em diante, Teixeira teve a certeza de que queria se voltar para a música brasileira, feita pelo povo brasileiro, e assumir com orgulho sua brasilidade. Estava lançada a semente, e a vida se encarregaria de lhe fazer galgar um caminho que o levou a essa busca pelo povo e por suas expressões. Mal sabia ele que, depois de ter visto Inezita Barroso pela primeira vez na televisão, estaria com ela 20 anos mais tarde, desenvolvendo trabalhos musicais em teatros, programas de televisão, rádios e praças públicas, em defesa da cultura popular do povo brasileiro, juntamente com o Bando Flor do Mato.

### **Novos rumos: Mocidade Ébria de Quatis e o Bando Flor do Mato**

Foi nessa procura por sua identificação cultural, assumindo com orgulho sua brasilidade, que Teixeira, em 1982, participou de um projeto cultural-musical produzido por uma entidade chamada Mocidade Ébria de Quatis (MEQ), na cidade de Quatis, no estado do Rio de Janeiro. Fazendo um intercâmbio entre poetas e compositores da cidade e artistas profissionais, como Almir Sater, Carlinhos Vergueiro, Cristina Buarque, Vicente Barreto, Décio Marques, Saulo Laranjeira, entre outros, o grupo promoveu, durante dois anos, mais de 20 espetáculos. Tudo começou quando, no final dos anos 70, em conversas nos bares após os shows do Projeto Pixinguinha, em São Paulo, Teixeira conheceu pessoas de Quatis que estudavam na Universidade Federal de Guaratinguetá. Conversa vai, conversa vem, muita troca cultural, o contato com a cidade de Quatis e o início de um movimento muito interessante. "O artista chegava na cidade para um show no sábado à noite, mas passava todo o final de semana conosco. Tinha uma fazenda abandonada, onde a gente fazia um churrasco, fazia uma cantoria, e o artista na fazenda não cantava, só ouvia a gente. Ele jogava bola, tomava cachaça e ouvia a gente. E no sábado à noite era o horário do artista fazer seu espetáculo. No domingo voltava para a fazenda e continuava o final de semana. Não era só o trabalho do artista, o artista não era a atração, não tinha aquele distanciamento entre artista e público, era todo mundo junto. Foi um trabalho muito bonito, que me deu uma formação cultural muito importante", destaca. Tudo isso ajudou a despertar nos moradores uma consciência crítica e cultural sobre seus valores, o que, anos depois, resultou numa mobilização comunitária para a emancipação de Quatis, o que foi alcançado.

Nos anos 80, juntamente com o maestro Antônio Fraga, Teixeira fundou o grupo musical "Bando Flor do Mato", que unia vocal e instrumental, num trabalho erudito-popular da música popular brasileira, formado por ele, seus irmãos Chico Teixeira, aboiador, e Malê, sua ex-mulher Mazé Pinhei-

EM FOCO

## ELIEZER TEIXEIRA

LUCIANA AMORMINO

ro, e o cunhado Fraga. Posteriormente, Mazé Pinheiro saiu do grupo, entrando em seu lugar Carmem Queiroz.

O grupo fez várias apresentações com Inezita Barroso e gravou dois LPs: "Influências", com apresentação de Inezita, e "Coisas do meu Brasil caboclo", com a participação do poeta e compositor caipira João Pacífico. Para enriquecer as canções do Bando, Teixeira saiu Brasil a fora em busca de canções e cantigas do povo brasileiro. Foi assim que trouxe do Jequitinhonha, dos canoeiros de Araçuaí (MG), o Beira-Mar Novo, os sons dos vaqueiros nordestinos, de bois do Maranhão, e tantas outras canções, num primeiro contato de pesquisa de campo com o povo. Foi ao encontro do outro, em vários cantos do Brasil, e descobriu uma grandeza de manifestações populares que viria a integrar seu trabalho artístico como cantor e delinear seu perfil de pesquisador da cultura popular espontânea. Hoje, cada um seguiu seu caminho, e algumas vezes se encontram para saraus.

### Procurar o povo, encontrar a si

Como consequência de seu interesse pela cultura do povo e da vontade de aprofundar mais em suas pesquisas, Teixeira cursou a "Escola Paulista do Folclore", com os mestres Rossini Tavares de Lima e Julieta Andrade. "O Rossini me incentivou bastante. A gente brigava muito porque eu tenho a minha maneira de pesquisar e a escola tinha aquelas coisas que precisavam ser seguidas, e eu não sou muito de seguir a academia. Teve um dia que foi uma aula de aboio. Era um aboio horroroso, horrível, que estava sendo estudado e eu falei: 'Ô, professor, mas que aboio feio!' E ele: 'Mas por que, o que você conhece de aboio?' Eu falei: 'Ô, professor, conhecer de aboio não conheço não, mas fazer aboio eu sei fazer'. Eu aboiei e foi uma aula maravilhosa. E todos os últimos sábados de cada mês tinha um encontro com os ex-alunos, aí eu fui apresentação especial para os ex-alunos como aboiador. Então foi muito legal."

Depois dos três períodos de curso, Teixeira teve o que chamou de "incomodação cultural", uma necessidade de sair a campo para colocar em prática seu trabalho como "folclorista", apesar de não gostar dessa palavra. Foi assim que chegou a Nova Lima (MG), onde pesquisou a cultura negra por meio da Festa de Nossa Senhora do Rosário, num trabalho que incluía também a gravação das músicas dos congados e moçambiques. Ali morou por dez anos, e, de lá, foi para



EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

o Vale do Jequitinhonha, onde conheceu a artista Lira Marques, em Araçuaí, e com ela percorreu vários lugares à procura de personagens da cultura popular. Posteriormente, chegou a Jequitibá, nas margens do Rio das Velhas, ao lado de Cordisburgo, terra de Guimarães Rosa. Ali passou mais dez anos de sua vida, pesquisando com os mestres do povo, quando ajudou a fundar a "Capital Mineira do Folclore", da qual se tornou "Embaixador para a Região Sul do Brasil". O que pesquisa nos povoados de Jequitibá leva de volta ao povo, por meio de apresentações em escolas, fazendo as crianças terem conhecimento sobre a cultura de seus pais, tios e avós e despertando um verdadeiro sentimento de orgulho e pertencimento nas gerações mais novas. Esse trabalho cultural-educacional desperta as crianças e adolescentes para valorizarem a cultura que possuem. "Quando retorno nas salas de aula, um ou dois anos depois, eu vou entrando e brinco com eles que queria conversar um pouco, converso, falo alguma coisa e vou embora. Quando vou saindo, eles falam: 'Não, não vai' 'Por que não?' 'Vai cantar pra gente'. 'Mas cantar o quê?' 'Canta o ABC do Amor, o corta-machado'. Quer dizer, eles pedem o que eu cantei da cultura popular espontânea para eles na vez anterior, nem pedem as músicas populares mais conhecidas", conta Teixeira. Esse trabalho continua em Jequitibá e em São Paulo.

Posteriormente, Teixeira mudou-se para Santa Bárbara d'Oeste, no interior de São Paulo, onde apresentou por quatro anos os programas na Rádio Municipal "Prosa e Cantoria" e "O terceiro lado do disco", além de escrever sobre cultura popular por dois anos na coluna "Prosa e Cantoria", no jornal "Diário de Sta. Bárbara". Naquela cidade, também fez várias apresentações com artistas convidados, no Anfiteatro Municipal, em convênio com a rádio, que transmitia ao vivo as apresentações.

Paralelamente, pesquisou, em Maceió, grupos de cantadores das manifestações culturais, como Guerreiros, Reisados, Vaqueiros, entre outros. Na região do Tietê, pesquisou também o canto do vale do Cururu, além de manifestações populares nas cidades paulistas de Socorro, Batatais, Ilha Bela, São Luis do Paraitinga e Biritiba Mirim. Durante esse tempo, Teixeira trabalhava paralelamente como contabilista em uma multinacional, o que nunca inviabilizou seus trabalhos artístico-culturais.

### **Produções artístico-culturais**

O primeiro CD individual de Eliezer Teixeira foi "Em Cantos Brasileiros", que resgata um pouco de sua caminhada e pesquisas e traz músicas de sua autoria, outras colhidas em suas pesquisas sobre cultura popular espontânea e também da MPB.

Em 2004, lançou o livro "Prosa e Cantoria", que traz um apanhado das principais manifestações folclóricas brasileiras, a "cultura popular espontânea"

EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

nea”, como considera, com suas especificidades de versões de acordo com o lugar, descrevendo as experiências pelas quais passou com os “mestres do povo”, em suas caminhadas pelo Brasil afora. Entre eles estão as folias, folias-de-reis, Folia de São Sebastião, Encomendação das Almas, Malhação de Judas, Testamento de Judas, Serração da Velha, Festa do Divino, Festas Juninas, O Boi no Folclore Brasileiro, Bumba-meu-boi, Mês do Folclore, Mês do Rosário – Congado e Moçambique, Rainha Ginga, Chico Rei, Carlos Magno, Círio de Nazaré, Zumbi dos Palmares, Guerreiro Alagoano, Tropeiro, As Tropas, Caminhada da Tropa, Viola, A folia-de-reis de Jequitibá (MG), Pagamento de Promessas, Coroação dos Magos, Quarto Rei, Jequitibá (MG) – “Capital Mineira do Folclore” – e Mutirão/Capina de Roça.

Reúne entrevistas que realizou com personalidades envolvidas com a cultura brasileira, como Paulo César Pinheiro, letrista da MPB e autor dos livros “Viola Morena” e “Canto brasileiro”; Inezita Barroso, cantora e pesquisadora do folclore brasileiro, violonista e violeira; Frei Chico, holandês franciscano que veio para o Brasil na década de 60 e acabou se embrenhando por mais de dez anos na região do Vale do Jequitinhonha, onde pesquisou, junto com a artesã Maria Lira Marques, a cultura popular da região; Rubinho do Vale, um dos compositores mais respeitados e queridos pelo povo do Vale, que registra, tanto na sua poesia quanto na sua música, a realidade de seu povo. Escreve ainda crônicas sobre a cidade de Quatis (RJ) e traz algumas informações importantes sobre a cultura brasileira em “Fique sabendo que” e algumas poesias de sua autoria. “Costumo dizer o seguinte: eu fui casado por 20 anos com uma mineira, tenho três filhos maravilhosos, Marcelo, Flávio e Luciana, me separei e me casei pela segunda vez com a arte, que também me deu três filhos maravilhosos, meu primeiro disco ‘Em Cantos Brasileiros’, o livro ‘Prosa e Cantoria’ e agora o segundo disco, que vai ser lançado, ‘Catador-cantador de Sementes’, tudo isso bancado por mim mesmo. Todos os meus trabalhos têm o apoio de duas grandes empresas que gostam demais do que faço: apoio cultural de Eliezer e patrocínio de Teixeira, brinca Eliezer, que ainda afirma: algumas pessoas falam sobre o meu trabalho: ‘Mas o povo não gosta disso’. Como o povo pode não gostar se o povo que me ensinou? Então eu tenho todo um respeito, carinho, amor, incorporação a esse trabalho com meu povo, com o seu povo, com o nosso povo, e eu exijo o mesmo respeito para com meu trabalho porque meu trabalho é o trabalho deles”, ressalta Teixeira.

### **O artista por ele mesmo**

“Eu sou um obstinado. Eu me considero um guerreiro mesmo, lutando contra o vento, contra essas coisas que estão aí, o que fazem com a nossa música, o que fazem com a nossa cultura. Eu faço questão de continuar sendo retrógrado, se querem colocar dessa forma, indo ao campo, pesquisando insistindo em dizer para as pessoas que o povo gosta disso sim,

EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

porque tudo o que faço aprendo com o povo. Sou uma pessoa que acredita nisso, que não quer respeito só para com meu trabalho, quero respeito para todas as pessoas que me deram condições de fazer esse trabalho. Eu sou um eterno aprendiz desse grande mestre que é o povo, quero que respeite os meus mestres, que são os mestres de vocês, os nossos mestres. Eles que me passaram isso e eu acredito nisso.

O álbum que será lançado em outubro é 'Catador-cantador de Sementes'. É um álbum duplo, com dois CD's de 80 minutos cada, que enfocam: Aboio, Guerreiro Alagoano, Boi, Congado, Encomendação das Almas, Capina de Roça, Batuque de Viola, Cantigas de Roda e Canções de sua autoria; a obra é acompanhada de um pequeno livro (encartado, com 38 páginas), no qual, discorro sobre todas estas manifestações da Cultura Popular Espontânea do Povo Brasileiro. No álbum faço toda uma trajetória das minhas pesquisas, eu começo com aboio de gado, que aprendi ainda garoto no sertão. Eu considero pesquisa porque eu vivi isso. A segunda pesquisa ou segundo tema é o guerreiro alagoano, que é o ciclo de Natal do nordeste que vai de 24 de dezembro a 6 de janeiro, representando a peregrinação dos reis magos pelo oriente para visitar Jesus. Depois entro no tema Bois. Nesse tema eu estou respeitando o boi enquanto elemento animal e enquanto auto popular. Depois vem o tema congado, que são os congados que aprendi em Nova Lima, é o primeiro tema dentro do disco que é mineiro, depois do congado entro com encomendação das almas, cantada juntamente com o grupo Cantadeiras do Souza, de Jequitibá, onde estou encerrando de certa forma esse ciclo da quaresma e, ao mesmo tempo, fazendo uma crítica a essa desvalorização. Será que elas estão morrendo? Faz a Encomendação das Almas e fica uma esperança, porque depois é a Páscoa, passagem, transformação, passagem da esperança, da fertilidade, não é isto? Então o disco 2 eu abro com Batuque de Viola, que é um tema exclusivamente mineiro, que é mais ou menos igual Catira, com a diferença básica que na catira o violeiro só toca e os dançantes só dançam e no Batuque de Viola o violeiro toca e dança e os dançantes dançam e cantam também. Depois do Batuque de Viola, que tem participação de Fabiana Alves, que é uma menina de Jequitibá, filha de congadeiros e batuqueiros, vem o bloco de Cantigas de Roda, onde o grupo Cantadeiras do Souza também participam comigo. Após a cantiga de roda tem um bloco Minhas Canções, onde eu coloco umas músicas minhas, umas parcerias, e, no último bloco, chamado 'Outras Canções' tem uma música do Fernando Lona, que é um compositor baiano, e que tem minha cara, que chama 'Cidadão do Mundo'."

### **O canto do povo**

Conheça algumas letras de músicas da cultura popular espontânea brasileira, pesquisada por Eliezer Teixeira e divulgadas no seu livro "Prosa e Cantoria":

EM FOCO

**ELIEZER TEIXEIRA**

LUCIANA AMORMINO

"Que casa é essa,  
quem mora nela  
é a Virgem do Rosário,  
padroeira da capela (bis).

Me dá o Rosário,  
Rosário,  
É o rei da glória,  
Filho da Virgem Maria.

Quem é, quem vai,  
Quem é, quem vai,  
Quem é, quem vai,  
No Rosário de Maria,  
Quem é, quem vai."

(Guarda de Nossa Senhora do Rosário  
- Nova Lima - MG)

"Ô bandeira branca,  
Ela é do congado,  
Tá chegando a hora  
Da nossa chegada.

Ô meu Jesus, ô meu,  
Ô meu Jesus amado,  
Tá chegando a hora  
Da nossa chegada."

(Guarda de Nossa Senhora Aparecida  
- Nova Lima - MG)

"Na festa do Rosário  
O céu é nosso guia (bis),  
O Rosário de Maria.

Cai sereno,  
Sereno cai devagar,  
Cai sereno,  
Oi sereno cai devagar.

Eu cantei na beira do rio,  
Onde fiz marinheiro chorar (bis).

Capitão-marinheiro  
Samba na beira do mar,  
Oi capitão marinheiro  
Samba na beira do mar.

Passei na ponte,  
A ponte estremeceu (bis),  
Na bica dessa fonte  
Nossa Senhora bebeu (bis).

(Guarda de Nossa Senhora da Conceição  
- Nova Lima - MG)

eliezercantador@ig.com.br ou (11) 5661-8076